

## Parnasianismo e Simbolismo

### AS ESTÉTICAS DE FIM DE SÉCULO



O fim do século XIX foi marcado por intensas modificações sociais provocadas, principalmente, pelas correntes filosóficas positivistas, pelas descobertas científicas e pelas revoluções industriais que ocorreram pela Europa. Se, na prosa, os efeitos dessas transformações foram descritos por meio dos textos realistas e naturalistas, na poesia, o racionalismo da época foi responsável por uma retomada da Antiguidade Clássica e do culto à forma. Essa busca pela perfeição poética deu origem a um novo período literário – o Parnasianismo.

No entanto, o clima de progresso proporcionado pela evolução das máquinas, por outro lado, também compôs um cenário de inquietações motivado, sobretudo, por competições econômicas entre as grandes potências, bem como pela consciência de classe operária que se fortificou após a disseminação das ideias propostas por Marx. Tais fatores culminaram, poucos anos mais tarde, nas duas grandes guerras mundiais que mudaram os paradigmas do século XX. Esse período assinalado por tantas incertezas altera o rumo da arte e volta a pairar no continente europeu uma onda de pessimismo.

Diferentemente do homem romântico, o artista que antecipa o novo século abraça o desconhecido não como forma de fugir da realidade, mas como maneira de tentar explicá-la. Para isso, as incertezas serão acolhidas e o texto literário começa a se valer de símbolos que procuram associar o mundo tangível, real, ao mundo das essências. Esse gosto por representações mais sugestivas, vagas, abstratas e fluídas deu origem à estética literária chamada Simbolismo.

Este módulo, portanto, se dedica a apresentar um panorama desses dois movimentos literários, além de refletir sobre a efervescência cultural que distinguiu o fim do século XIX.

### PARNASIANISMO



O Parnasianismo foi uma corrente literária do final do século XIX que procurou recusar o Romantismo de tradição medieval e resgatar os conceitos clássicos da arte greco-romana, baseados no racionalismo, no equilíbrio e na

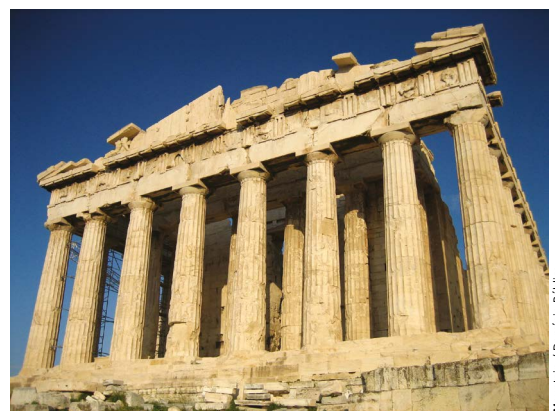
contenção da forma. Como a arte parnasiana versa muito sobre a sua própria construção, há, em suas realizações, um forte caráter metalinguístico.

Os poemas têm como temática a busca de uma poesia bela e perfeita como uma escultura clássica, tão geométrica como um templo grego. Por isso, o poeta parnasiano associava-se à imagem de um **escultor** ou de um **ourives**, que burila a poesia, esculpe os versos e as estrofes até atingir a **forma plena**, a “arquitetura” mais adequada para o poema, que deveria ser construído em nome da perfeição formal.

Devido a esse forte aspecto metalinguístico, os críticos denominaram a produção parnasiana de uma estética da **arte pela arte**. Para alcançar a perfeição, o poeta deveria exilar-se da realidade mundana e viver enclausurado em sua “Torre de Marfim”, na qual se dedicaria ao seu duro labor de poeta que busca as “Belas Letras”, o vocabulário nobre (o que explica a presença de expressões latinas e francesas), a construção sintática erudita e as alusões constantes à mitologia grega.

As artes parnasianas, dentre elas a literatura, partilhavam, como características, o gosto pela forma, a sobriedade, o equilíbrio e a proporção, remetendo aos valores da Antiguidade Clássica.

O Partenon, antigo templo grego dedicado à deusa Atena, é uma estrutura arquitetônica iniciada por volta de 448 a.C., em Atenas, cujos valores estéticos serviram de modelo para a poesia parnasiana.



ICTNOS; CALÍCRATES. *Partenon*. Século VI a.C.  
Estilo clássico, 69,5 m x 30,9 m.

Os seguintes versos de Olavo Bilac, por exemplo, explicitam uma concepção poética do diálogo parnasiano com as artes da Antiguidade Clássica:

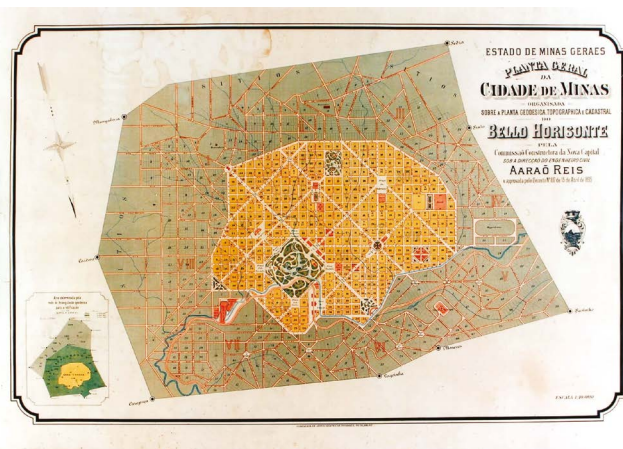
De tal modo que a imagem fique nua,  
Rica mas sóbria, como um templo grego.

GONZAGA, Tomás Antônio. *Poemas de Olavo Bilac – Seleção de Poemas*. São Paulo: Melhoramentos, 2014. (Clássicos Melhoramentos).

Pode-se dizer que a arquitetura neoclássica expressa, no plano artístico, algumas das características da poesia parnasiana. Vários prédios construídos no Brasil no início do século XX seguiram essa concepção estética. Tente observar como isso é notório nas formas lisas das fachadas, nas colunas das entradas dos edifícios, no formato retangular e triangular das linhas das construções.

Como exemplos da manifestação desse estilo, podem ser citadas a construção da capital mineira, Belo Horizonte, projetada pelo engenheiro Aarão Reis entre 1894 e 1897, e a reforma urbana do Rio de Janeiro, conduzida pelo prefeito Pereira Passos entre 1903 e 1906, ambas inspiradas no projeto urbanístico de Paris.

Nos dois casos, o conceito de modernidade era valorizado: procurava-se livrar as cidades de seus aspectos provincianos e / ou das memórias coloniais. Outras diretrizes dos projetos apoiavam-se na preocupação não só com a higiene, mas também com a circulação de pessoas e de mercadorias. Observe a planta da cidade de Belo Horizonte e procure perceber como o equilíbrio geométrico, a simetria e a proporção – característicos da arquitetura neoclássica – eram contemplados pelos idealizadores do planejamento urbano e empregados com objetivos utilitários:



Comissão Construtora de Belo Horizonte / Domínio Público

Planta da cidade de Belo Horizonte (1895).



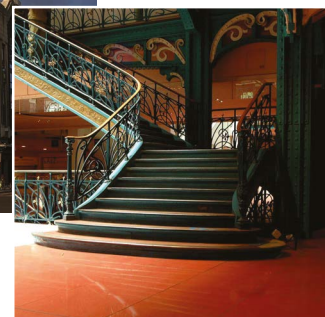
Vinícius Depizzol / Creative Commons

*Edifício dos primórdios da capital mineira. Apesar do predomínio das colunas retas, os detalhes são ornamentados. O contraste entre sobriedade e preciosismo, encontrado no texto parnasiano, também se manifestou na arquitetura.*

Uma das manifestações artísticas em voga no final do século XIX e no início do século XX foi o movimento chamado *Art Nouveau*, que procurou uma concepção de beleza na exuberância da linguagem, inclusive visual. O *Art Nouveau* promoveu o detalhismo e o culto à ornamentação em diferentes setores, como na decoração, no *design* gráfico, na joalheria e no mobiliário. É fácil identificar tal estilo, principalmente em luminárias, objetos de decoração, escadarias, desenhos de papéis de parede, rótulos e cartazes de propaganda. Desse modo, ainda que pegassem a sobriedade e a linearidade por um lado, por outro, os poetas e os artistas possuíam uma tendência decorativista e ornamental, o que resultou na produção de textos com linguagem culta e sofisticada, bem como quadros e construções arquitetônicas repletos de linhas sinuosas e estruturas com formas vegetais (flores, plantas). Se, no exterior dos prédios, há toda uma formalidade e sobriedade que retoma o Partenon, nos objetos decorativos do interior, os elementos são trabalhados de forma altamente detalhada. Observe a fachada e o interior da icônica loja de departamento francesa La Samaritaine, fundada no século XIX, um exemplo da ornamentação cultuada pelo *Art Nouveau*.



Moonnik / Creative Commons



© Samaritan Department Store

La Samaritaine, Paris.



Divulgação

Propaganda da Companhia Nacional de Tabacos na primeira década do século XX. Exemplo da estética Art Nouveau na publicidade brasileira.

Ainda que aparentemente opostas, a retomada da sobriedade dos clássicos e a ornamentação da *Art Nouveau* sintetizam o que é considerado o “bom gosto” aristocrático e burguês do final do século XIX e do início do XX, período denominado de *Belle Époque*.

#### A Belle Époque no cinema



Divulgação

Na comédia romântica *Meia noite em Paris* (2011), do diretor Woody Allen, um jovem escritor americano viaja para Paris, cidade que é inspiração para obra de diversos artistas que ele admira. No entanto, a sua rotina de turista é, surpreendentemente, transformada quando, ao badalar da meia-noite, num passeio noturno, ele é transportado a Paris dos anos 1920. Durante suas “viagens” no tempo, Gil frequenta vários salões de festas nos quais conhece artistas e intelectuais, como F. Scott Fitzgerald, Gertrude Stein, Ernest Hemingway, Salvador Dalí, e se apaixona por Adriana – uma mulher que gostaria de ter vivido a época de ouro francesa, ou seja, a *Belle Époque*. Num clima de realismo fantástico, *Meia noite em Paris* passeia pelo final do século XIX e ilustra a agitação cultural que anunciou o século XX.

Na literatura, o Parnasianismo brasileiro ficou consagrado no trabalho de três autores: Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac (o “Príncipe dos poetas”), que se encontram retratados da esquerda para a direita na seguinte imagem:



Autor desconhecido / Domínio Público

Os mais famosos versos parnasianos são de Bilac, que, em “Profissão de fé”, traçou as diretrizes da poética parnasiana:

#### Profissão de fé

[...]

Invejo o ourives quando escrevo:

Imito o amor

Com que ele, em ouro, o alto relevo

Faz de uma flor.

[...]

Torce, aprimora, alteia, lima

A frase; e, enfim,

No verso de ouro engasta a rima,

Como um rubim.

Quero que a estrofe cristalina,

Dobrada ao jeito

Do ourives, saia da oficina

Sem um defeito:

[...]

E horas sem conto passo, mudo,

O olhar atento,

A trabalhar, longe de tudo

O pensamento.



Porque o escrever – tanta perícia,  
Tanta requer,  
Que ofício tal... nem há notícia  
De outro qualquer.

BILAC, Olavo. *Poesias*. 29. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 5-6. [Fragmento]

A partir da leitura do poema de Bilac, é possível traçar as diretrizes dos parnasianos:

- **O caráter metalinguístico:** escreve-se a respeito do próprio ato da escrita, da reflexão sobre a poesia e do papel do poeta.
- **A busca da perfeição formal:** “que a estrofe cristalina saia da oficina sem nenhum defeito”.
- **A representação da poesia como exercício árduo,** que mescla a inspiração, a genialidade, com o trabalho persistente, que é o labor literário em busca da melhor expressão: “Torce, aprimora, alteia, lima a frase”.
- **A sacralização da poesia:** “ofício” mais digno que “qualquer outro”.
- **A concepção do poeta como artífice:** comparação do poeta a um ourives que esculpirá uma “joia”: a poesia. Tal “joia” deve exibir uma pedra preciosa: o “rubim” da rima (observe como o poema é todo estruturado por rimas alternadas ABAB).
- **A imagem aurática do poeta:** um ser dotado de uma genialidade que o leva a se exilar do convívio mundano, ficar “longe de tudo” para concretizar seu ofício poético.

O Parnasianismo se constituiu como uma retomada da Antiguidade Clássica, pois a poesia deveria ter a sobriedade, a forma linguística apurada, retilínea, nobre. Entretanto, mesmo que se proclamassem “sóbrios como templos gregos”, os parnasianos produziram, inevitavelmente, uma linguagem extremamente ornamentada, abundante em preciosismos, erudições e rimas ricas; a poesia parnasiana se enquadra nessa “aparência” de sobriedade e de demasiado decorativismo em seu interior.

A verborragia dos textos dos autores parnasianos foi criticada pelos autores modernistas que os sucederam. Como satirizou Oswald de Andrade, só não se inventou uma máquina de fazer versos porque “já havia os poetas parnasianos”. Tal comentário evidencia como a produção parnasiana era bastante repetitiva tanto na forma quanto na temática.

Além do tema central do Parnasianismo, que é o próprio fazer poético, os poetas dedicaram-se também a escrever sobre datas cívicas, figuras ilustres, poetas clássicos, figuras femininas e sentimentos amorosos.

O soneto mais consagrado do Parnasianismo sobre a temática amorosa é o que aparece a seguir, de autoria de Olavo Bilac:

“Ora (direis) ouvir estrelas! Certo  
Perdeste o senso!”

E eu vos direi, no entanto,  
Que, para ouvi-las, muita vez desperto  
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto  
A Via Láctea, como um pálio aberto,  
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,  
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: “Tresloucado amigo!  
Que conversas com elas? Que sentido  
Tem o que dizem, quando estão contigo?”

E eu vos direi: “Amai para entendê-las!  
Pois só quem ama pode ter ouvido  
Capaz de ouvir e de entender estrelas.”

BILAC, Olavo. *Poesias*. 29. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 53.

Nesse poema, a forma é parnasiana, há, entretanto, marcas da estética romântica quanto ao conteúdo. Não exatamente por ter o amor como tema – fato que se repete em qualquer período histórico –, mas pelo tratamento dado à temática amorosa. Assim, para se ouvir e entender uma estrela, seria preciso ser tomado pelo sentimento amoroso, estar à beira da loucura.

Outro soneto parnasiano conhecido é “As pombas”, de Raimundo Correia:

Vai-se a primeira pomba despertada...  
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas  
De pombas vão-se dos pombais, apenas  
Raia sanguínea e fresca a madrugada...

E à tarde, quando a rígida nortada  
Sopra, aos pombais de novo elas, serenas,  
Rufando as asas, sacudindo as penas,  
Voltam todas em bando e em revoada...

Também dos corações onde abotoam,  
Os sonhos, um por um, céleres voam,  
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,  
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam,  
E eles aos corações não voltam mais...

CORREIA, Raimundo. *Poesias completas*.  
São Paulo: Ed. Nacional, 1948. p. 38.

Nesse poema, as pombas são comparadas aos sonhos, e os corações, aos pombais. Se as pombas que partem retornam todos os dias aos pombais, os sonhos não retornam ao coração, de onde partiram na juventude. Nesse sentido, é possível inferir que a infância, no poema, é o período dos sonhos por excelência.

Novamente, se a forma do poema é clássica, a temática é romântica: a infância idealizada. Lembre-se, por exemplo, dos versos "Oh! que saudades que tenho / Da aurora da minha vida, / Da minha infância querida / Que os anos não trazem mais!", do poeta romântico Casimiro de Abreu, que, se não são explicitamente retomados pelo poema de Raimundo Correia, encontram nele alguma afinidade temática.



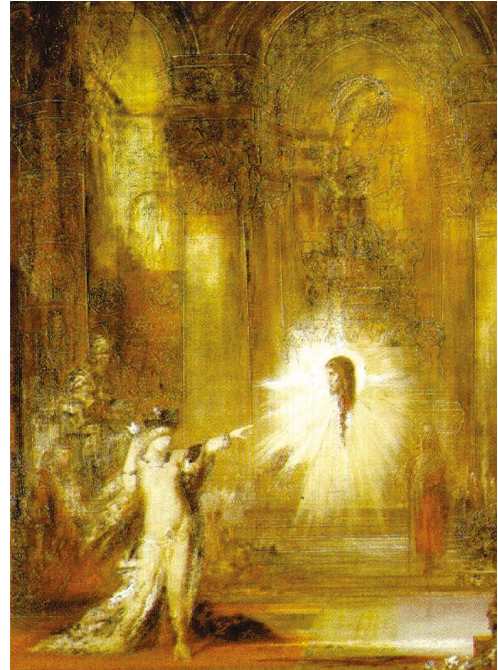
#### Parnasianismo

Assista a essa videoaula para conhecer um pouco mais sobre o contexto histórico e as obras do Parnasianismo no Brasil.



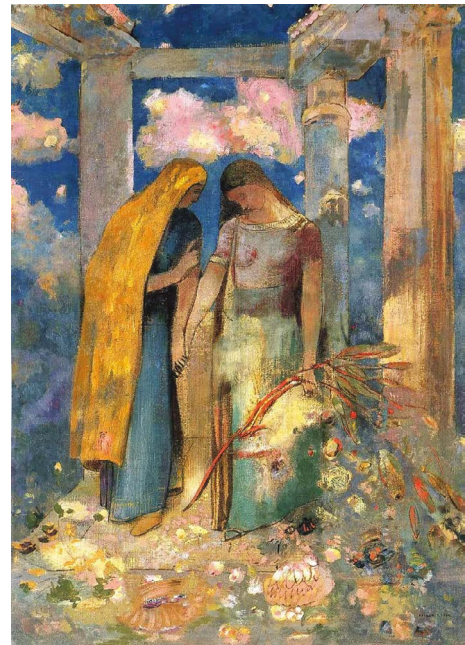
## SIMBOLISMO

O Simbolismo foi um movimento de negação da arte científico-materialista, com o intuito de valorizar o plano espiritual, sensitivo, subjetivo, místico e onírico. Assim, em vez da verossimilhança e da objetividade pregadas pelos realistas, a arte simbolista propunha apenas a **sugestão**. Evocar em vez de descrever, sugerir em vez de definir, sentir em vez de racionalizar. Tais propostas se davam não só no plano das letras, mas também no da pintura, como exemplificam os trabalhos de Gustave Moreau e Odilon Redon, dois dos principais pintores simbolistas do século XIX:



Domínio Público

MOREAU, Gustave. *A aparição*. 1876. Óleo sobre tela, 103 x 142 cm. Museu Gustave Moreau, França.



Domínio Público

REDON, Odilon. *Conversa mística*. 1896. Óleo sobre tela.

No caso da pintura simbolista brasileira, o nome de maior destaque é o de Eliseu Visconti. Em seus trabalhos, é possível reconhecer os elementos típicos dessa estética: a tendência espiritualista, a imagem onírica perpassada pela simbologia cristã, a figura feminina associada a anjos, a transcendência da dor, além da presença de véus que sugerem a fluidez e a evanescência do ambiente místico.



VISCONTI, Eliseu. *Recompensa de São Sebastião*. 1898. Óleo sobre tela, 218,8 x 133,9 cm. Museu Nacional Belas Artes, Rio de Janeiro.

Na literatura, enquanto os parnasianos buscaram seus modelos formais no racionalismo da cultura clássica, os simbolistas tiveram outra preocupação estética, direcionada a uma escrita mais espiritualista, transcendental, de influência oriental e de cunho místico.

Na Europa do final do século XIX, principalmente na França, alguns artistas contestaram o positivismo filosófico e o cientificismo estético tão promulgados pelos autores do Realismo-Naturalismo. Inicialmente, essa reação artística contra a produção baseada na lógica, nos ideais iluministas e na concepção do progresso ficou denominada Decadentismo. Contudo, o intelectual Jean Moréas, em 1886, lançou o “Manifesto Simbolista”, no qual sugeria o nome de Simbolismo para a produção literária então promulgada pelos escritores Charles Baudelaire, Paul Verlaine, Rimbaud, Mallarmé e por ele mesmo. A partir daí, o Simbolismo foi aceito como uma nova manifestação artística, com adeptos nas letras e nas artes em geral.

Desse modo, a estética simbolista passou a propagar que a produção artística deveria se constituir por meio de imagens sugestivas capazes de promover a analogia entre o eu e o mundo, entre o universo material e as sensações interiores e pensamentos. Diante da impossibilidade de delinear e definir o universo introspectivo (que nunca encontra nas palavras seus correspondentes exatos, visto que palavras e sensações são coisas distintas), os poetas sugerem imagens simbólicas que corresponderiam ao mundo etéreo que desejam representar. Por isso, não cabe ao poeta simbolista definir, especificar, delimitar, contornar, explicar, mas **evocar**. O poeta francês Mallarmé fez a seguinte afirmativa sobre a importância da sugestão na construção da poesia.

[...] referir-se a um objeto pelo seu nome é suprimir as três quartas partes da fruição do poema, que consiste na felicidade de adivinhar pouco a pouco; sugerir-lo, eis o que sonhamos. É o uso perfeito desse mistério que constitui o símbolo; evocar pouco a pouco um objeto para mostrar um estado de alma, ou, inversamente, escolher um objeto e desprender dele um estado de alma por uma série de decifrações.

MALLARMÉ apud TAVARES, Hênio Último da Cunha. *Teoria literária*. 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. p. 89. [Fragmento]

### Simbolismo na literatura e na pintura

O Simbolismo começou na literatura como um movimento que buscava “vestir a ideia de forma sensível”, como afirmou o poeta simbolista Jean Moréas. Essa estética, que valorizava a criatividade e a imaginação como uma reação ao racionalismo, ganhou em pouco tempo as artes visuais. Na época em que o Simbolismo surgiu, o Realismo e o Impressionismo eram movimentos artísticos muito fortes na pintura. Por serem estilos representacionais do mundo, muitos pintores os consideravam limitados do ponto de vista da inventividade, da imaginação. Assim, o movimento simbolista também se infiltrou nas artes visuais e obras com cores emocionais, temáticas oníricas, imagens estilizadas, símbolos que sugerem múltiplas interpretações foram surgindo e convivendo com as obras de outros estilos. Perceba como é importante ter sempre em mente que não é razoável depreender que, num mesmo período, todas as pessoas de todos os grupos sociais tenham pensado da mesma forma. Estudar o Simbolismo auxilia nessa compreensão, pois, num momento de grande crescimento do cientificismo e do materialismo, muitas pessoas se opuseram a um pensamento dominante e propuseram outras formas de olhar o mundo.

Além dos símbolos, a literatura simbolista explora outros recursos empregados para se buscar a “correspondência” entre o mundo imaginário do poeta e a linguagem escrita, tais como a **musicalidade** e a **sinestesia**. O poeta francês Paul Verlaine, em *Arte poética*, imortalizou a questão da sonoridade como um forte recurso simbolista por meio do verso: “**Antes de qualquer coisa, a música**”. O privilégio da sonoridade na poesia levou à valorização de figuras sonoras como as aliterações, assonâncias, ecos, rimas e paronomásias. Era o desejo dos poetas simbolistas de conseguir “traduzir” os temas por meio das palavras empregadas para representá-los. A tendência de olhar o mundo sob um viés mais existencialista e reflexivo foi representada em textos de tom melancólico e niilista. Esse caráter pessimista da poesia simbolista foi definido pelo termo *spleen*. A palavra (que, no inglês, significa baço) retoma a associação feita entre a produção da chamada bile negra e o suposto efeito que ela traria ao humor do indivíduo – na teoria do grego Hipócrates, o sujeito tende a ser melancólico devido ao excesso dessa substância no corpo.



Esse pensamento, do qual se apropriaram os poetas ultrarromânticos, foi popularizado na poesia de Baudelaire como forma de traduzir as sensações de tédio, mal-estar, angústia, náusea, como pode ser visto neste trecho retirado de "Spleen e Ideal", um dos poemas que compõem a obra *As flores do mal*:

Nada iguala a extensão dos longos dias manceos  
Quando o tédio, esse fruto da incuriosidade,  
Sob os pesados flocos da neve dos anos,  
Atinge as proporções da imortalidade.

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Tradução de Fernando Pinto do Amaral. 2. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993. p. 195. [Fragmento]

Na literatura portuguesa, essas características são encontradas, especialmente, na obra de Camilo Pessanha, principal nome do Simbolismo em Portugal. A poesia do escritor, aos moldes de Baudelaire, também recorre às questões metafísicas e revela uma visão negativa em relação ao mundo e à existência humana. Leia estes versos:

Tenho sonhos cruéis; n'alma doente  
Sinto um vago receio prematuro.  
Vou a medo na aresta do futuro,  
Embebido em saudades do presente...

Saudades desta dor que em vão procuro  
Do peito afugentar bem rudemente,  
Devendo, ao desmaiar sobre o poente,  
Cobrir-me o coração dum véu escuro!...

[...]

PESSANHA, Camilo. *Clepsidra*. 2. ed. Lisboa: Ática, 1956. [Fragmento]

Todas essas reflexões estéticas e ideológicas sobre a arte simbolista, divulgadas principalmente na França, chegaram ao Brasil e encontraram adeptos que fizeram delas a própria concepção artística pessoal. Dois nomes são exemplares nesse caso: o de Cruz e Sousa e o de Alphonsus de Guimaraens.

No Brasil, o Simbolismo começou a vigorar no ano de 1893, com a publicação de duas obras de Cruz e Sousa: *Missal* (prosa) e *Broquéis* (poesia). A produção do poeta brasileiro segue os preceitos estéticos dos franceses, ao explorar intensamente a musicalidade, a sinestesia e a linguagem simbólica para construir cenários etéreos e diáfanos.

Cruz e Sousa, em "O emparedado", afirma que somente a visão delicada de um espírito artístico assinala os inexprimíveis segredos que vagam na luz, no ar, no som, no aroma e na cor, trazendo inéditas manifestações do indefinido, concepção que ele reitera em "Sabor": "Para mim, as palavras, como têm colorido e som, têm, do mesmo modo, sabor".



Caricatura feita por Angelo Agostini, reproduzida na Revista Ilustrada, que retrata Cruz e Sousa segurando sua obra *Missal*.

O poema "Antífona", primeiro da obra *Broquéis*, confirma como as concepções estéticas do Simbolismo francês foram assimiladas pelo contexto poético brasileiro. O texto é uma súplica para que os elementos etéreos, sinestésicos, sonoros, misteriosos e místicos ajudem o poeta a construir sua poética:

#### Antífona

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras  
De luares, de neves, de neblinas!...  
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...  
Incensos dos turíbulo das aras...  
  
Formas do Amor, consteladamente puras,  
De Virgens e de Santas vaporosas...  
Brilhos errantes, mádidas frescuras  
E dolências de lírios e de rosas...

Indefiníveis músicas supremas,  
 Harmonias da Cor e do Perfume...  
 Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,  
 Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume...

Visões, salmos e cânticos serenos,  
 Surdinas de órgãos flébeis, soluçantes...  
 Dormências de volúpicos venenos  
 Sutis e suaves, mórbidos, radiantes...

Infinitos espíritos dispersos,  
 Inefáveis, edênicos, aéreos,  
 Fecundai o Mistério destes versos  
 Com a chama ideal de todos os mistérios.

Do Sonho as mais azuis diafaneidades  
 Que fuljam, que na Estrofe se levantem  
 E as emoções, todas as castidades  
 Da alma do Verso, pelos versos cantem.

Que o pólen de ouro dos mais finos astros  
 Fecunde e inflame a rima clara e ardente...  
 Que brilhe a correção dos alabastros  
 Sonoramente, luminosamente.

[...]

Tudo! vivo e nervoso e quente e forte,  
 Nos turbilhões quiméricos do Sonho,  
 Passe, cantando, ante o perfil medonho  
 E o tropel cabalístico da Morte...

SOUSA, Cruz e. *Obra completa*.  
 Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 63. [Fragmento]

Assim como em uma epopeia grega, o *aedo* invocava as musas para que elas lhe relatassem passagens de eventos heroicos, o poema "Antífona" se faz à maneira de uma invocação, embora sua musa seja outra. Pede-se a inspiração às "formas", à "música", às "visões", aos "espíritos" e ao "sonho". Note, como, no poema, a musicalidade é expressa por meio, por exemplo, das **assonâncias** que reforçam o som vocálico "a", no primeiro verso, e das **aliterações** (repetição de sons consonantais, representadas pelo fonema /s/).

Além disso, a sinestesia, termo que faz alusão à percepção simultânea dos sentidos, é explorada nos versos "Que brilhe a correção dos alabastros / Sonoramente, luminosamente", em que há impressões sensoriais derivadas, respectivamente, da audição e da visão. Outra característica comum aos textos simbolistas é a recorrência às chamadas **maiúsculas alegorizantes**, isto é, o uso de letras maiúsculas em substantivos que, originalmente, são comuns. Ao recorrer a esse recurso, há uma personificação de elementos, de modo que, transformadas em nomes próprios, essas palavras recebem maior importância no contexto – é o que ocorre nos vocábulos "Amor", "Dor", "Luz", dentre outras. Enfim, ao empregar tantos recursos, o poema se esvazia em relação ao sentido / conteúdo, mas se preenche de imagens que criam sensações no leitor e que se desconectam da realidade.

Também na obra *Broquéis*, há um poema em que se faz claro o emprego da forma poética como mecanismo de sugestão de sentidos. Atente ao ritmo e à musicalidade deste soneto, considerando seu título:

#### Dança do ventre

Torva, febril, torcicolosamente,  
 numa espiral de elétricos volteios,  
 na cabeça, nos olhos e nos seios fluíam-lhe  
 os venenos da serpente.

Ah! que agonia tenebrosa e ardente!  
 que convulsões, que lúbricos anseios,  
 quanta volúpia e quantos bamboleios,  
 que brusco e horrível sensualismo quente.

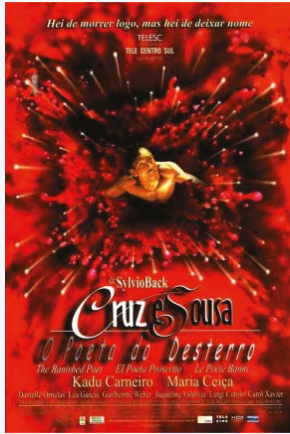
O ventre, em pinchos, empinava todo  
 como réptil abjecto sobre o lodo,  
 espolinhando e retorcido em fúria.

Era a dança macabra e multiforme  
 de um verme estranho, colossal, enorme,  
 do demônio sangrento da luxúria!

SOUSA, Cruz e. Dança do ventre. In: *Broquéis*. Disponível em:  
 <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000073.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2020. [Fragmento]

O ritmo do soneto, e não apenas o sentido de suas palavras, é marcadamente erótico, pois sugere o movimento corporal da dançarina e expressa, na musicalidade, o desejo do eu lírico diante da mulher. É importante ressaltar que, assim como os parnasianos, os poetas simbolistas, como pôde ser visto no poema anterior, também conservaram o gosto por formas fixas e, não raro, se apropriam dos sonetos.





Divulgação

Saiba mais sobre a vida e a obra do poeta Cruz e Sousa assistindo ao filme **Cruz e Sousa: o poeta do desterro**, lançado em 1998, por ocasião do centenário da morte do poeta.

Outro nome significativo do Simbolismo brasileiro é Alphonsus de Guimaraens, que recebeu o epíteto de “O solitário de Mariana”. A temática amorosa em seus versos é um canto dolorido, que se manifesta pela perda da amada morta, o que leva a voz poética a também almejar a morte para que possa reencontrá-la:

Hão de chorar por ela os cinamomos  
Murchando as flores ao tombar do dia  
Dos laranjais hão de cair os pomos  
Lembrando-se daquela que os colhia.

As estrelas dirão: – “Ai, nada somos,  
Pois ela se morreu silente e fria...”  
E pondo os olhos nela como pomos,  
Hão de chorar a irmã que lhes sorria.

A lua que lhe foi mãe carinhosa  
Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la  
Entre lírios e pétalas de rosa.

Os meus sonhos de amor serão defuntos...  
E os arcanjos dirão no azul ao vê-la,  
Pensando em mim: – “Por que não vieram juntos?”

GUIMARAENS, Alphonsus de. Hão de chorar por ela os cinamomos. In: GONÇALVES, Magaly Trindade et al. *Antologia de antologias*. São Paulo: Musa, 2004. p. 384.

Mas, sem dúvida, o mais conhecido poema de Alphonsus de Guimaraens é “Ismália”, composição em que o poeta revela como o sonho e a loucura são as únicas formas de se escapar das agruras da realidade.

### Ismália

Quando Ismália enlouqueceu,  
Pôs-se na torre a sonhar...  
Viu uma lua no céu,  
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,  
Banhou-se toda em luar...  
Queria subir ao céu,  
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu  
Na torre pôs-se a cantar...  
Estava perto do céu,  
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu  
As asas para voar...  
Queria a lua do céu,  
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu  
Rufaram de par em par...  
Sua alma subiu ao céu,  
Seu corpo desceu ao mar...

GUIMARAENS, Alphonsus de. Ismália. In: GONÇALVES, Magaly Trindade et al. *Antologia de antologias*. São Paulo: Musa, 2004. p. 391.

Nesse poema, é possível perceber a correlação entre o mundo concreto, onde Ismália é a mulher enlouquecida no alto da torre, distante do reflexo da lua no mar, e o mundo etéreo, em que Ismália, após saltar, é como um anjo que se encaminha para o reflexo da lua na água. Ao fim, ela é apenas uma alma que sobe da água para o céu.

### RELEITURAS

De uma maneira geral, parnasianos e simbolistas receberam severas críticas de seus sucessores imediatos. Conforme será visto posteriormente, os pré-modernistas, em sua maioria, eram artistas atentos às transformações políticas e às injustiças sociais de seu tempo; comprometidos, portanto, com uma literatura que, embora não fosse panfletária, era mais engajada. Para eles, a preocupação excessiva com os aspectos formais e sonoros do texto e o distanciamento da realidade, típicos do Parnasianismo e do Simbolismo, produziam uma arte vazia, artificial e alienada, reduzida ao mero exercício estético e pouco comprometida com ideais pragmáticos (tais como os de denúncia ou de conscientização, por exemplo) ou mesmo com a capacidade de emocionar. Essa crítica pode ser vista no trecho a seguir, retirado de uma das crônicas de *Os Bruzundangas*, obra de Lima Barreto:

Não nego que houvesse entre eles alguns de valor, mas os preconceitos da Escola os matava.

A maioria ia para ela, porque era cômodo no fundo, pois não pedia que se comunicasse qualquer emoção, qualquer pensamento, qualquer importante revelação de nossa alma que interessasse a outras almas; [...] enfim, um julgamento, um conceito que pudesse influir no uso da vida, na nossa conduta e no problema do nosso destino, empregando os fatos simples, elementares, as imagens e os sons que por si sós não exprimiam a ideia que se procura, mas que se acha com eles e se vai além por meio deles. [...]

Abanquei-me e pude perceber que acabavam de ouvir uma poesia do poeta Worspikt. Tratava da lua, de *iceberg*, – descobri eu por uma ou outra consideração que fizeram.

Nenhum deles tinha visto um *iceberg*, mas gabavam os ouvintes a emoção com que o outro traduzira em verso o espetáculo desse fenômeno das circunvizinhanças dos polos.

Num dado momento, Kotelniji disse para Worspikt:

– Gostei muito desse teu verso: “há luna loura linda, leve, luna bela!” [...]

BARRETO, Lima. Os samoiedas. In: *Os bruzundangas*. São Paulo: Ática, 1985. [Fragmento]

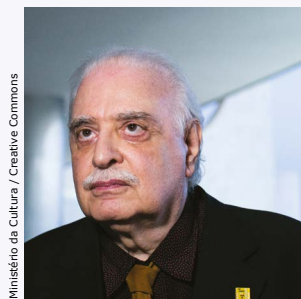
A “Escola” e o poeta mencionados no texto de Lima Barreto são fictícios, mas constituem representações do estilo e dos escritores parnasianos e simbolistas. Ao dizer que a Escola não comunica qualquer emoção, pensamento ou importante revelação, o narrador evidencia como ela é desprovida de conteúdo e, portanto, inútil (não influi “no uso da vida” ou na conduta). A suposta emoção causada pela declamação do verso é artificial, já que “luna loura linda, leve, luna bela” não diz muita coisa, trata-se apenas de um exemplo de uso despropositado da aliteração para criar um efeito sonoro qualquer.

Além dos pré-modernistas, também os modernistas da Primeira Geração criticam os parnasianos e simbolistas, porém por motivos diferentes. O que causa incômodo aos modernistas na poesia parnasiana e simbolista (sobretudo na parnasiana) não é a sobreposição da forma em detrimento do conteúdo, mas sim o preciosismo vocabular, a falta de liberdade criativa e a exigência de se cumprirem regras, sobretudo quanto à métrica e às rimas. Como alternativa ao requinte formal de parnasianos e simbolistas, os modernistas irão propor o uso de versos brancos e livres e, também, de termos coloquiais. Em seu poema “Poética”, por exemplo, Manuel Bandeira afirma estar “farto do lirismo comedido” e não querer mais saber “do lirismo que não é libertação”, por isso propõe a incorporação de elementos marginalizados pela poesia academicista, já que na lírica modernista há espaço para “todas as palavras”, “todas as construções” e “todos os ritmos”. Já Oswald de Andrade, no *Manifesto Pau-Brasil*, proclama “contra o gabinetismo, a prática culta da vida” e afirma serem os parnasianos “máquinas de fazer versos”.

As conquistas herdadas da fase heroica modernista foram muito importantes para que os escritores de gerações posteriores tivessem liberdade de fazer seus versos como quisessem, inclusive para adotar as formas clássicas, se isso lhes parecesse conveniente. Em função disso, a partir da Segunda Geração do Modernismo, encontra-se todo tipo de texto (de formas livres e de formas fixas), e a relação com o Simbolismo e o Parnasianismo passa a ser mais amigável. A Segunda Geração do Modernismo, aliás, promoveu um retorno aos valores simbolistas, tais como a musicalidade e a espiritualidade, sendo por isso conhecida como Neossimbolismo, de que são exemplos alguns poemas de Cecília Meireles, como percebe-se nos versos de “1º motivo da rosa”: “[...] de seda e nácar, / toda de orvalho trêmula, / serás eterna. [...]”.

Dando continuidade à restauração da forma poética que marcou a Segunda Geração do Modernismo, na década de 1950, o Concretismo brasileiro também ressignificou a elaboração formal da poesia ao introduzir elementos visuais aos poemas. Dessa forma, o espaço em branco da página se torna um novo elemento produtor de sentido, e o verso, muitas vezes, deixa de ser a principal unidade caracterizadora do gênero. Essa preocupação com a forma se aproxima dos preceitos parnasianos, na medida em que o escritor prioriza a estética em detrimento do próprio conteúdo.

Acesse o QR Code para ler, ver e ouvir alguns poemas de Augusto de Campos, poeta que é um dos fundadores do movimento da Poesia Concreta. Nesse *site*, dentre vários outros, há o “Poema-bomba”. Procure observar como nesse poema concreto as letras dispostas remetem à imagem de uma explosão. Não por acaso, essa impressão caótica é formada justamente por letras que compõem as palavras “poema” e “bomba”.



Ministério da Cultura / Creative Commons



CONTEÚDO NO  
**Bernoulli Play**

### Simbolismo

Com essa videoaula, você poderá conhecer um pouco mais sobre o contexto histórico e as obras do Simbolismo no Brasil.



## EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM



**01.** (UnB-DF)  
SCVJ



### Vaso grego

Esta, de áureos relevos, trabalhada  
De divas mãos, brilhante copa, um dia,  
Já de aos deuses servir como cansada,  
Vinda do Olimpo, a um novo deus servia.

Era o poeta de Teos que a suspendia  
Então e, ora repleta ora esvazada,  
A taça amiga aos dedos seus tinha  
Toda de roxas pétalas colmada.

Depois... Mas o lavor da taça admira,  
Toca-a, e, do ouvido aproximando-a, às bordas  
Finas hás de lhe ouvir, canora e doce,

Ignota voz, qual se da antiga lira  
Fosse a encantada música das cordas,  
Qual se essa a voz de Anacreonte fosse.

OLIVEIRA, Alberto de. Poesias completas. In: REIS, Marco Aurélio de Mello. *Crítica*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1978. p. 144.

A partir da leitura do soneto "Vaso grego", assinale a opção correta a respeito do tratamento estético conferido aos mitos antigos pela poética parnasiana.

- A) Recorrência a temas mitológicos atraía o leitor comum e amenizava os efeitos de distanciamento impostos a ele pelo rebuscamento da linguagem parnasiana.
- B) Os mitos antigos são atualizados na poesia parnasiana e recebem um significado poético novo, que promove a ruptura efetiva com o passado e a tradição mítica.
- C) O tratamento estético dos mitos gregos na poesia parnasiana aproxima o antigo mundo mitológico dos problemas imediatos e concretos da vida social brasileira.
- D) A presença de elementos da arte e da mitologia gregas no soneto apresentado está de acordo com uma máxima do Parnasianismo: a arte pela arte.

**02.** (UESC-BA)  
K1EY



Ah! lilásis de Ângelus harmoniosos,  
Neblinas vesperais, crepusculares,  
Guslas gementes, bandolins saudosos,  
Plangências magoadíssimas dos ares...

Serenidades etereais d'incensos,  
De salmos evangélicos, sagrados,  
Saltérios, harpas dos Azuis imensos,  
Névoas de céus espiritualizados.  
[...]

É nas horas dos Ângelus, nas horas  
Do claro-escuro emocional aéreo,  
Que surges, Flor do Sol, entre as sonoras  
Ondulações e brumas do Mistério.  
[...]

Apareces por sonhos neblinantes  
Com requintes de graça e nervosismos,  
fulgores flavos de festins flamantes,  
como a Estrela Polar dos Simbolismos.

CRUZ E SOUSA, João da. Broquéis. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 90. [Fragmento]

Marque (V) ou (F), conforme sejam as afirmativas verdadeiras ou falsas.

Os versos de Cruz e Sousa traduzem a estética simbolista, pois apresentam

- ( ) descrição sintética do mundo imediato.
- ( ) uso de recursos estilísticos criando imagens sensoriais.
- ( ) enfoque de uma realidade transfigurada pelo transcendente.
- ( ) apreensão de um dado da realidade sugestivamente ambígua.
- ( ) imagens poéticas que tematizam o amor em sua dimensão física.

A alternativa que contém a sequência correta, de cima para baixo, é a:

- A) F V V V F
- B) V F F V F
- C) V F V V F
- D) V F V F F
- E) V F V F V

**03.** (UFRJ)

### O assinalado

Tu és o louco da imortal loucura,  
o louco da loucura mais suprema.  
A terra é sempre a tua negra algema,  
prende-te nela a extrema Desventura.

Mas essa mesma algema de amargura,  
mas essa mesma Desventura extrema  
faz que tu'alma suplicando gema  
e rebente em estrelas de ternura.

Tu és Poeta, o grande Assinalado  
que povoa o mundo despovoado,  
de belezas eternas, pouco a pouco.

Na Natureza prodigiosa e rica  
toda a audácia dos nervos justifica  
os teus espasmos imortais de louco!

CRUZ E SOUSA. *Poesia completa*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981. p. 135.

Apresente, com suas próprias palavras, o significado de loucura depreendido a partir da leitura do texto.



## EXERCÍCIOS PROPOSTOS



01. (ESPM-SP)

### Para as Estrelas de cristais gelados

As ânsias e os desejos vão subindo,  
Galgando azuis e siderais noivados  
De nuvens brancas a amplidão vestindo...

Cruz e Sousa

Assinale a opção em que expresse incorretamente a análise do poema.

- As "nuvens brancas" mencionadas sugerem as vestes tradicionais de noiva.
- A aliteração do /s/ em "As ânsias e os desejos vão subindo" produz cacofonia.
- Os "cristais gelados" estão de acordo com a frialdade do espaço sideral.
- As "Estrelas", com maiúscula alegorizante, podem significar uma dimensão humana superior.
- Galgar "azuis e siderais noivados" é imagem que remete ao anseio de atingir um mundo espiritual.

02. (PUC RS) Para responder à questão, considere o poema "Inefável" em seu contexto, e leia as afirmativas que seguem.

Nada há que me domine e que me vença  
Quando a minh'alma mudamente acorda...  
Ela rebenta em flor, ela transborda  
Nos alvoroços da emoção imensa.

Sou como um Réu de celestial sentença,  
Condenado do Amor, que se recorda  
Do Amor e sempre no Silêncio borda  
De estrelas todo o céu em que erra e pensa.

Claros, meus olhos tornam-se mais claros  
E tudo vejo dos encantos raros  
E de outras mais serenas madrugadas!

Todas as vozes que procuro e chamo  
Ouço-as dentro de mim porque eu as amo  
Na minha alma volteando arrebatadas

- A subjetividade, a sugestão no conteúdo e um cultivo à técnica formal revelam características da obra de um dos poetas mais importantes da escola simbolista.
- Substantivos comuns grifados com maiúsculas, a obsessão pelo claro, pela cor branca, são marcas do poeta Cruz e Sousa.
- As aliterações são também um traço típico da obra deste poeta, perceptíveis no poema "Inefável".
- Característica típica do Simbolismo, o eu lírico neste poema sofre fisicamente por um amor não vivido.

As afirmativas corretas são, apenas,

- I e II.
- I e IV.
- III e IV.
- I, II e III.
- II, III e IV.

03. (PUC RS)



### Ismália

Quando Ismália enlouqueceu,  
Pôs-se na torre a sonhar...  
Viu uma lua no céu,  
Viu outra lua no mar...

No sonho em que se perdeu,  
Banhou-se toda em luar...  
Queria subir ao céu,  
Queria descer no mar...

E no desvario seu,  
Na torre pôs-se a cantar...  
Estava perto do céu  
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu  
As asas para voar...  
Queria a lua do céu,  
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu  
Rufaram de par em par...  
Sua alma subiu ao céu,  
Seu corpo desceu ao mar.

Apenas uma afirmativa não se associa corretamente ao texto. Qual é ela?

- A manifestação da loucura revela-se na tensão entre desejos antagônicos, marcados semanticamente pelas oposições de verbos, substantivos e advérbios.
- A movimentação espacial da personagem sugere a impossibilidade de adaptar-se ao mundo real.
- A separação entre o corpo e alma, relatada na última estrofe, confirma o caráter místico-religioso, uma das marcas da produção literária do autor do poema.
- Entre as características do movimento ao qual o poema se alinha, destaca-se a preocupação em garantir a musicalidade do texto.
- A marca do poema, em função do seu alinhamento estético, é nomear objetivamente a loucura, evitando, assim, qualquer ambiguidade na interpretação do texto.

04. (UDESC)

### Cavador do Infinito

Com a lâmpada do Sonho desce aflito  
E sobe aos mundos mais imponderáveis,  
Vai abafando as queixas implacáveis,  
Da alma o profundo e soluçado grito.

Ânsias, Desejos, tudo a fogo escrito  
Sente, em redor, nos astros inefáveis.  
Cava nas fundas eras insondáveis  
O cavador do trágico Infinito.

E quanto mais pelo Infinito cava  
Mais o Infinito se transforma em lava  
E o cavador se perde nas distâncias...

Alto levanta a lâmpada do Sonho  
E com seu vulto pálido e tristonho  
Cava os abismos das eternas ânsias!

CRUZ E SOUSA. *Últimos Sonetos*.  
Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br>.

Análise as proposições em relação ao soneto "Cavador do Infinito", de Cruz e Sousa.

- I. A leitura do poema leva o leitor a inferir que o cavador do infinito é a representação da imagem do próprio poeta, ou seja, um autorretrato do poeta simbolista.
- II. Da leitura do poema infere-se que a metáfora está centrada na lâmpada do sonho, a qual se refere à imaginação onírica do poeta e ilumina o seu inconsciente.
- III. O sinal de pontuação – reticências – no verso 11, acentua o clima de indefinível, levando o leitor a inferir sobre a situação – o drama vivido pelo eu-lírico.
- IV. No plano formal, o uso de letra maiúscula em substantivos comuns é uma característica do Simbolismo, como ocorre em: "Sonho" (versos 1 e 12), "Ânsias" e "Desejos" (verso 5); "Infinito" (versos 8 e 9). Usada como alegoria, a letra maiúscula tenciona dar um sentido de transcendência, de valor absoluto.
- V. Da leitura do poema e do contexto literário simbolista, infere-se que o título do poema "Cavador do Infinito" reforça a ideia a que o soneto remete: o poeta simbolista busca a transcendência, a transfiguração da realidade cotidiana para uma dimensão metafísica, que é uma característica da estética simbolista.

Assinale a alternativa correta.

- A) Somente as afirmativas II e III são verdadeiras.
  - B) Somente as afirmativas I, III e V são verdadeiras.
  - C) Somente as afirmativas II, III, IV e V são verdadeiras.
  - D) Somente as afirmativas I, IV e V são verdadeiras.
  - E) Todas as afirmativas são verdadeiras.
- 05.** (PUC-Campinas-SP) Antes mesmo do indianismo e do regionalismo, a ficção brasileira, desde os anos de 1840, se orientou para outra vertente de identificação nacional através da literatura: a descrição da vida nas cidades grandes, sobretudo o Rio de Janeiro e áreas de influência, o que sobrepunha à diversidade do pitoresco regional uma visão unificadora. Se por um lado isto favoreceu a imitação mecânica da Europa, e, portanto, uma certa alienação, de outro contribuiu para dissolver as forças centrífugas, estendendo sobre o país uma espécie de linguagem culta comum a todos e a todos dirigida [...], que contrabalança o particular de cada zona.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite*.  
São Paulo: Ática, 1987. p. 203. [Fragmento]

A influência exercida pelos costumes, valores e hábitos europeus no Brasil teve grande expressão durante o período conhecido como *Belle Époque*. Entre as características desse período, pode-se destacar

- A) a intensa difusão, em cidades como Paris e Viena, dos valores e hábitos da alta burguesia, como o culto ao lazer, às artes e ao entretenimento, favorecidos pela vida urbana e pela infraestrutura existente nessas capitais.
- B) a celebração do pacifismo, do hedonismo e do "estilo de bem viver", após o dramático período vivido pelas sociedades europeias durante a Primeira Guerra Mundial.
- C) a retomada do classicismo, principal influência do *Art Nouveau*, uma vez que o "culto ao belo" e a busca da perfeição na reprodução da realidade orientaram o gosto e a estética predominantes nos grandes centros culturais europeus.
- D) a expansão da cultura de massas, na França e na Inglaterra, graças à difusão do rádio e do cinema, permitindo que o gosto popular fosse incorporado pela alta burguesia, não mais preocupada em se diferenciar do proletariado.
- E) o período de prosperidade econômica, na capital francesa, decorrente da administração moderna e reformista exercida pela Comuna de Paris logo após a Guerra Franco-Prussiana, que possibilitou uma fase de efervescência cultural.

**06.** (UEG-GO)

**Últimos versos**

Na tristeza do céu, na tristeza do mar,  
eu vi a lua cintilar.  
Como seguia tranquilamente  
por entre nuvens divinais!  
Seguia tranquilamente  
como se fora a minh'Alma,  
silente,  
calma,  
cheia de ais.  
A abóboda celeste,  
que se reveste  
de astros tão belos,  
era um país repleto de castelos.  
E a alva lua, formosa castelã,  
seguia  
envolta num sudário alvíssimo de lã,  
como se fosse  
a mais que pura Virgem Maria...  
Lua serena, tão suave e doce,  
do meu eterno cismar,  
anda dentro de ti a mágoa imensa  
do meu olhar!

GUIMARAENS, Alphonsus de. *Melhores poemas*. Seleção de Alphonsus de Guimaraens Filho. São Paulo: Global, 2001. p. 161.

Entre as características poéticas de Alphonsus de Guimaraens, predomina, no poema apresentado,

- A) o diálogo com a amada.
- B) o poema-profanação.
- C) as imagens de morte.
- D) o poema-oração.

**Instrução:** Observe a pintura e leia o poema a seguir para responder às questões **07** e **08**.



REDON, Odilon. *Ophelia entre as flores* (1905-1908). Pastel seco. Disponível em: <<https://www.nationalgallery.org.uk/server.iip?FIF=/fronts/N-6438-00-000005-WZ-PYR.tif&CNT=1&WID=655&QLT=85&CVT=jpeg>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

Quando no enleio  
De receber umas notícias tuas,  
Vou-me ao correio,  
Que é lá no fim da mais cruel das ruas,  
Vendo tão fartas,  
D'uma fartura que ninguém colige,  
As mãos dos outros, de jornais e cartas  
E as minhas, nuas – isso dói, me aflige...  
E em tom de mofo,  
Julgo que tudo me escarnece, apoda,  
Ri, me apostrofa,  
Pois fico só e cabisbaixo, inerme,  
A noite andar-me na cabeça, em roda,  
Mais humilhado que um mendigo, um verme...

SOUSA, Cruz e. *Escárnio perfumado*. Disponível em: <[http://www.releituras.com/cruzesousa\\_escarnio.asp](http://www.releituras.com/cruzesousa_escarnio.asp)>. Acesso em: 24 ago. 2017.

- 07.** (UEG-GO-2017) A pintura e o poema se aproximam em razão do caráter
- singleto e terno de que sua composição os reveste.
  - mórbido e lúgubre que os envolve.
  - trágico que permeia seus elementos constituintes.
  - dramático utilizado em seu arranjo.
  - patético que perpassa seus aspectos estruturais.
- 08.** (UEG-GO-2017) A pintura apresentada é simbolista por apresentar elementos alegóricos, ao passo que o poema pertence ao
- Arcadismo, pela presença de elementos ligados ao universo pastoril.

- Romantismo, o que se evidencia pela idealização da mulher amada.
- Parnasianismo, visto que se constitui em exercício de arte pela arte.
- Barroco, pela utilização de figuras tais como hipérbatos e antíteses.
- Simbolismo, o que se evidencia pela musicalidade de seus versos.

**09.** (UECE)

Qualquer que seja a chuva desses campos  
devemos esperar pelos estios;  
e ao chegar os serões e os fiéis enganos  
amar os sonhos que restarem frios.

Porém se não surgir o que sonhamos  
e os ninhos imortais forem vazios,  
há de haver pelo menos por ali  
os pássaros que nós idealizamos.

Feliz de quem com cânticos se esconde  
e julga tê-los em seus próprios bicos,  
e ao bico alheio em cânticos responde.

E vendo em torno as mais terríveis cenas,  
possa mirar-se as asas depenadas  
e contentar-se com as secretas penas.

LIMA, Jorge de. In: *Invenção de Orfeu*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1967. p. 57-58.

Nas duas primeiras estrofes, o eu poético

- ensina como vencer os problemas.
- faz a apologia da coragem diante dos obstáculos.
- exorta a que se valorize o pouco que se tem.
- aconselha que se seja indiferente ao sofrimento.

**10.** (UNIFESP) Leia o poema.

De linho e rosas brancas vais vestido,  
sonho virgem que cantas no meu peito!...  
És do Luar o claro deus eleito,  
das estrelas puríssimas nascido.

Por caminho aromal, enflorescido,  
alvo, sereno, límpido, direito,  
segues radiante, no esplendor perfeito,  
no perfeito esplendor indefinido...

As aves sonorizam-te o caminho...  
E as vestes frescas, do mais puro linho  
e as rosas brancas dão-te um ar nevado...

No entanto, ó Sonho branco de quermesse!  
Nessa alegria em que tu vais, parece  
que vais infantilmente amortalhado!

CRUZ E SOUSA. *Sonho Branco*.



- A) Identifique o movimento literário ao qual está associado o poema, apontando uma característica típica dessa tendência. Transcreva um verso ou fragmento do poema que exemplifique sua resposta.
- B) Liste, de um lado, dois substantivos e, de outro, quatro adjetivos, dispersos ao longo do poema para criar sua atmosfera luminosa e etérea, ao gosto do movimento literário em que se insere. Identifique os versos que, em certo momento, criam uma tensão em relação à trajetória pura e vivificante do poema, introduzindo uma nota sombria em sua atmosfera.

## SEÇÃO ENEM

### 01. (Enem)

#### Epígrafe<sup>1</sup>

Murmúrio de água na clepsidra<sup>2</sup> gotejante,  
Lentas gotas de som no relógio da torre,  
Fio de areia na ampulheta vigilante,  
Leve sombra azulando a pedra do quadrante<sup>3</sup>  
Assim se escoo a hora, assim se vive e morre...  
Homem, que fazes tu? Para que tanta lida,  
Tão doidas ambições, tanto ódio e tanta ameaça?  
Procuremos somente a Beleza, que a vida  
É um punhado infantil de areia ressequida,  
Um som de água ou de bronze e uma sombra que passa...

<sup>1</sup> Epígrafe: inscrição colocada no ponto mais alto; tema.

<sup>2</sup> Clepsidra: relógio de água.

<sup>3</sup> Pedra do quadrante: parte superior de um relógio de sol.

CASTRO, Eugênio de.  
*Antologia pessoal da poesia portuguesa.*

Nesse poema, o que leva o poeta a questionar determinadas ações humanas (versos 6 e 7) é a

- A) infantilidade do ser humano.  
B) destruição da natureza.  
C) exaltação da violência.  
D) inutilidade do trabalho.  
E) brevidade da vida.

### 02. (Enem)

#### Cárcere das almas

Ah! Toda a alma num cárcere anda presa,  
soluçando nas trevas, entre as grades  
Do calabouço olhando imensidades,  
Mares, estrelas, tardes, natureza.

Tudo se veste de uma igual grandeza  
Quando a alma entre grilhões as liberdades  
Sonha e, sonhando, as imortalidades  
Rasga no etéreo o Espaço da Pureza.

Ó almas presas, mudas e fechadas  
Nas prisões colossais e abandonadas,  
Da Dor no calabouço, atroz, funéreo!

Nesses silêncios solitários, graves,  
que chaveiro do Céu possui as chaves  
para abrir-vos as portas do Mistério?!

SOUSA, Cruz e. *Poesia completa*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura / Fundação Banco do Brasil, 1993.

Os elementos formais e temáticos relacionados ao contexto cultural do Simbolismo encontrados no poema "Cárcere das almas", de Cruz e Sousa, são

- A) a opção pela abordagem, em linguagem simples e direta, de temas filosóficos.  
B) a prevalência do lirismo amoroso e intimista em relação à temática nacionalista.  
C) o refinamento estético da forma poética e o tratamento metafísico de temas universais.  
D) a evidente preocupação do eu lírico com a realidade social, expressa em imagens poéticas inovadoras.  
E) a liberdade formal da estrutura poética, que dispensa a rima e a métrica tradicionais em favor de temas do cotidiano.

### 03. (Enem)

#### Sorriso interior

O ser que é ser e que jamais vacila  
Nas guerras imortais entra sem susto,  
Leva consigo esse brasão augusto  
Do grande amor, da nobre fé tranquila.

Os abismos carnis da triste argila  
Ele os vence sem ânsias e sem custo...  
Fica sereno, num sorriso justo,  
Enquanto tudo em derredor oscila.

Ondas interiores de grandeza  
Dão-lhe essa glória em frente à Natureza,  
Esse esplendor, todo esse largo eflúvio.

O ser que é ser transforma tudo em flores...  
E para ironizar as próprias dores  
Canta por entre as águas do Dilúvio!

CRUZ E SOUSA. *Sorriso interior*.  
In: *Últimos sonetos*. Rio de Janeiro:  
UFSC / Fundação Casa de Rui Barbosa / FCC, 1984.

O poema representa a estética do Simbolismo, nascido como uma reação ao Parnasianismo por volta de 1885. O Simbolismo tem como característica, entre outras, a visão do poeta inspirado e capaz de mostrar à humanidade, pela poesia, o que esta não percebe. O trecho do poema de Cruz e Sousa que melhor exemplifica o fazer poético, de acordo com as características dos simbolistas, é:

- A) "Leva consigo esse brasão augusto".  
B) "Fica sereno, num sorriso justo / Enquanto tudo em derredor oscila".  
C) "O ser que é ser e que jamais vacila / Nas guerras imortais entra sem susto".  
D) "Os abismos carnis da triste argila / Ele os vence sem ânsias e sem custo...".  
E) "O ser que é ser transforma tudo em flores... / E para ironizar as próprias dores / Canta por entre as águas do Dilúvio!".

## SEÇÃO FUVEST / UNICAMP / UNESP



## GABARITO

Meu aproveitamento 

## Aprendizagem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. D
- 02. A
- 03. O significado de loucura no texto está relacionado à condição e à própria atividade do ser poeta: louco é o poeta e loucura é a poesia. Deve-se desenvolver essa ideia, citando exemplos do poema para fundamentar as colocações.

## Propostos

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. B
  - 02. D
  - 03. E
  - 04. E
  - 05. A
  - 06. C
  - 07. A
  - 08. E
  - 09. C
  - 10.
  - A) O poema de Cruz e Sousa está associado ao Simbolismo, movimento que privilegiava temas místicos, transcendentais, e mesmo mórbidos, em linguagem simples, vaga, em que se nota a presença de imagens relacionadas ao ar, ao branco e ao que é etéreo, numa tentativa de alcançar o que está além do mundo físico. Os versos "E as vestes frescas, do mais puro linho / e as rosas brancas dão-te um ar nevado..." e "És do Luar o claro deus eleito, / das estrelas puríssimas nascido" exemplificam corretamente essas características.
  - B) Os substantivos e adjetivos que transmitem a atmosfera simbolista ao poema de Cruz e Sousa são "rosas brancas", "sonho virgem", "Luar", "claro", "estrelas puríssimas", todo o verso "alvo, sereno, límpido, direito", "vestes frescas", "ar nevado", "sonho branco".
- Os versos que rompem com a atmosfera pura e vivificante do poema, atribuindo-lhe um tom sombrio, também comum entre os simbolistas, são os do último terceto: "Nessa alegria em que tu vais, parece / que vais infantilmente amortalhado!", em que se reconhece que as vestes brancas descritas pelo eu lírico são, na verdade, os trajes que vestem um corpo morto, "amortalhado", pronto para ser sepultado.

## Seção Enem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. E
- 02. C
- 03. E



Total dos meus acertos: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ . \_\_\_\_\_ %